

## Sobre Mallarmé<sup>i</sup>

Paul Valéry\*

Tradução: Márcio Freire\*\*

**Resumo:** O texto abaixo é a tradução de uma conferência que Paul Valéry proferiu em 1927 sobre Mallarmé. Como os demais textos que Valéry escreveu sobre Mallarmé, é um misto de recordação do breve convívio pessoal dos dois e de análise da postura de Mallarmé face à poesia. Além disso, indiretamente, é possível ler no texto de Valéry um painel de fundo que diz muito das relações artísticas de Mallarmé e da origem do poema *Um lance de dados nunca abolirá o acaso*. Embora um texto breve, a análise feita por Valéry diz muito.

**Palavras-chave:** Stéphane Mallarmé. Paul Valéry. Poesia.

**Abstract:** The following text is a translation of the lecture on Mallarmé given by Paul Valéry in 1927. Like the other texts Valéry wrote about Mallarmé, it is a mix of a recollection of their brief personal interaction and an analysis of Mallarmé's attitude towards poetry. In addition, indirectly, it is possible to read in Valéry's text a background that speaks volumes about Mallarmé's artistic relationships and the origin of the poem *A throw of the dice will never abolish chance*. Although a brief text, Valéry's analysis says a lot.

**Keywords:** Stéphane Mallarmé. Paul Valéry. Poem.

**Résumé:** Le texte ci-dessous est la traduction d'une conférence que Paul Valéry a donné en 1927 sur Mallarmé. Comme les autres textes que Valéry a écrits sur Mallarmé, c'est un mélange d'un souvenir de leur brève relation personnelle et d'une analyse de l'attitude de Mallarmé face à la poésie. De plus, indirectement, il est possible de lire dans le texte de Valéry un fond qui en dit long sur les relations artistiques de Mallarmé et l'origine du poème *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*. Bien qu'il s'agisse d'un texte bref, l'analyse de Valéry en dit long.

**Mots clés:** Stéphane Mallarmé. Paul Valéry. Poème.

---

<sup>i</sup> Fragmento de uma conferência pronunciada na Université des Annales (França) em 13 de novembro de 1927.

\* Poeta e pensador francês, nascido em 1871 e falecido em 1945, autor dos poemas “O Cemitério Marinho” e “A Jovem Parca”.

\*\* Pesquisador nas áreas de Literatura Brasileira e Literatura Francesa. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de São José do Rio Preto. <http://orcid.org/0000-0001-9720-3514> / E-mail: [marciosfreire@gmail.com](mailto:marciosfreire@gmail.com)



Mallarmé, que vocês talvez leram, ou ao menos ensaiaram ler, é, como vocês o sabem, um autor bastante difícil. Eu não lhes falarei hoje de sua obra, não lhes direi mais que palavras de sua pessoa. Ele era o ser mais delicioso, o homem o mais afável, o mais cortês que se pudesse ver. Nós nos encontrávamos, quando íamos lhe fazer visita, recebidos por um homem de muito pequena estatura com um rosto nobre, de expressão grave e doce, aos olhos, admirável. Sua acolhida era de uma graça rara e quase antiquada. Mallarmé tinha, de algum modo, reconstruído seu ser social, sua pessoa visível, como ele tinha reconstituído seu pensamento e sua língua. Ele nos oferece um exemplo plenamente singular de *recriação* de alguém por si mesmo, de reformulação meditada de uma personalidade natural. Nada parece mais belo que este desígnio que um homem pode conceber e cumprir sobre seu pensamento e sobre seus atos, sobre sua obra, e, em suma, sobre todas essas formas de existência, como Mallarmé o fez.

As relações com Mallarmé eram encantadoras. Todas as terças-feiras, ele reunia, como vocês o sabem, alguns amigos em torno dele e numerosos desconhecidos. Ia à casa dele quem queria. Ele tinha com todos uma afabilidade parecida. Essa grande liberdade de acesso não era sem consequências engraçadas. A gente via aparecer em sua casa, todos os anos, por volta da mesma época, um americano muito cabeludo a quem se podia perguntar se ele jamais tinha aberto um livro de Mallarmé, ou lido uma linha dele. Esse homem inexplicável chegava, ensaiava, não dizia rigorosamente nada, aprovava com a cabeça, depois desaparecia. Ele manifestava, aliás, a maior reverência a Mallarmé. Um dia, ele escreveu ao poeta para lhe dizer que, com aquelas recordações de boas noites passadas com ele em volta da lâmpada, ele havia tido a ideia, um filho lhe tinha nascido, de o batizar *Mallarmé*. Está, portanto, atualmente na América um senhor que se chama Mallarmé sem saber, provavelmente, do que se trata, e porque ele carrega esse prenome estranho e raro.

\*\*\*

Eu quero lhes relatar algumas circunstâncias de minhas relações pessoais com Stéphane Mallarmé. Um dia do ano de 1897, ele me chamou à sua casa. Ele me escrevia que tinha para me comunicar alguma coisa de importância. Eu o encontrei em seu quarto – seu quarto e seu gabinete de trabalho eram no mesmo aposento –, Mallarmé, pequeno professor de inglês e de medíocre situação financeira, vivia em um apartamento

por vez delicioso e infinitamente simples, na rua de Roma. Ele morava no topo do edifício em uma residência ínfima, magnificamente decorada de pinturas que seus amigos pessoais, Manet, Berthe Morisot, Whistler, Claude Monet, Redon, lhe tinham dado. Ele me recebeu, portanto, no pequeno aposento onde, não longe de sua cama, estava sua mesa de trabalho, velha mesa quadrada de pernas torcidas, de madeira muito escura. Um manuscrito estava diante dele. Ele o toma e se coloca a ler um texto estranho, mais estranho do que aquele que eu já conhecia dele. O próprio manuscrito me pareceu tão bizarro que eu não podia descolar meus olhos deste papel que Mallarmé segurava. Assim me apareceu pela primeira vez este poema extraordinário que se chama *Um Lance de Dados*. Eu não sei se ele já caiu sob seus olhos. Era um poema especialmente feito para dar ao leitor sentado no canto de seu fogo a impressão de uma partitura de orquestra. Mallarmé tinha durante muito tempo refletido sobre os procedimentos literários que permitiriam, folheando um álbum tipográfico, reencontrar o estado que nos comunica a música de orquestra; e, por uma combinação extremamente estudada, extremamente instruída de meios materiais da escritura, por uma disposição toda nova e profundamente meditada dos brancos, dos cheios e dos vazios, de caracteres diversos, de maiúsculas, de minúsculas, de itálicos etc., ele tinha chegado a construir uma obra de uma aparência verdadeiramente impressionante. Ele está certo que, percorrendo essa partitura literária, seguindo o movimento desse poema visual, no qual certas palavras ou certas passagens se replicam, impressas como elas estão no mesmo caractere, ajustam-se a distância exatamente como os motivos, ou bem como os timbres em um trecho de música, concebe-se – acredita-se ouvir – uma sinfonia de espécie toda nova. Compreende-se quanto ele seria precioso, na poesia, de poder fazer lembretes, conexões, de prosseguir um tema através de um tema e de enlaçar *partes* independentes de um pensamento. Mallarmé tinha ousado orquestrar uma ideia poética.

Tendo terminado sua leitura, ele me perguntou se não o julgava completamente insensato. Permaneci um instante silencioso, muito embaraçado; desculpei-me sobre a extrema novidade, sobre minha surpresa, e pedi-lhe para rever o texto de perto. Ele me estendeu o manuscrito, e comecei por figurar o imenso trabalho que tinha devido exigir essa obra e de mensurar a constância, a engenhosidade, a profundidade, que ela suporia em seu autor.

Esse homem tinha refletido sobre todas as palavras. A obscuridade que vocês sabem, que vocês talvez enfrentaram por esforço próprio, não é outra coisa que o resultado de uma busca infinitamente prolongada que quer tirar da linguagem e da poesia tudo aquilo que elas podem dar à vontade inflexível de criar.

Mas eu não quero, hoje, insistir sobre considerações dessa ordem. Eu prefiro permanecer no domínio da memória, não os engajar comigo em uma análise muito árdua. Voltemos, portanto, a nossas recordações.

fora o interesse  
quanto lhe assinalou  
em geral  
segundo tal obliquidade por tal declividade  
de fogos

rumo a  
esse deve ser  
o Setentrião tão Norte

#### UMA CONSTELAÇÃO

fria de esquecimento e de desuso  
não tanto  
que não enumere  
sobre alguma superfície vaga e superior  
a colisão sucessiva  
sideralmente  
de uma probabilidade total em formação

velando  
desconfiando  
rodando  
brilhando e meditando

antes de se deter  
em algum ponto último que o consagre

## Todo Pensamento emite um Lance de Dados

(Fac-símile da última página do poema de Stéphane Mallarmé: “Um Lance de Dados”<sup>1</sup>)

Eis aqui ainda um, o último, a última querida e dolorosa impressão que me resta de Mallarmé. Trata-se da última visita que eu lhe fiz. Era 14 de julho de 1898. Ele tinha me convidado a passar o dia com ele em sua propriedade, muito pequena, de Valvins. Valvins é um vilarejo situado à margem do Sena, diante do limiar da floresta de Fontainebleau. Lá, Mallarmé tinha o costume de ir passar o verão, em uma casa de campo que ele tinha arranjado segundo seu perfeito gosto. Lá ele encontrava a paz, o trabalho meditativo, durante seus meses de férias. Havia lá um esquife no qual ele passeava algumas vezes com seus amigos no rio. Lá que eu o encontrei no 14 de julho de 1898. Após o almoço, ele me conduziu em seu minúsculo gabinete de trabalho, que tinha dois passos de largura por seis de comprimento. Sobre o apoio da janela estavam estendidas as provas desse famoso *Lance de Dados* do qual eu venho lhes falar. Nós olhamos muito tempo juntos essa espécie de máquina de linguagem que ele tinha sabiamente, pacientemente, temerariamente construído, porque nada era mais temerário que esse ensaio. Ninguém teve mais coragem literária que esse homem, que teria podido ser o primeiro poeta de seu tempo se ele tivesse consentido de não ser plenamente ele mesmo, e que arriscou tudo para seguir profundamente em si, durante toda sua vida, uma ideia.

Nós consideramos muito tempo essas provas da gráfica. A perfeição da execução material era essencial a seu desígnio, pois a obra com que ele sonhava era uma obra na qual a aparência visível era uma parte capital, na qual seria preciso que todos os detalhes fossem ordenados e realizados minuciosamente. Eu me recorro de ter discutido com

---

<sup>1</sup> MALLARMÉ, S. Un Coup de Dés jamais n'abolira le Hasard. *Cosmopolis*, Paris, v. 4, n. 17, p. 427, maio. 1897.

ele o lugar de certas palavras, a importância de certos brancos... E depois nós saímos para o campo. Caminhamos sob o sol ardente. O verão estava muito adiantado e os trigos já estavam todos dourados diante de nós na planície. Ele parou de repente, pensativo. Esse homem sonhava maravilhas próximas do outono, o outono que o levaria a Paris, onde ele reencontraria os concertos. Eu me esqueci de lhes dizer que ele ia todos os domingos aos concertos Lamoureux, onde o víamos se absolver, não para escutar a música por ela mesma, mas como que ensaiar lhe surrupiar seus segredos. Nós o víamos, o lápis nos dedos, como anotava aquilo que ele achava proveitoso para a poesia na música, ensaiando extrair alguns tipos de relações que pudessem ser transportadas no domínio da linguagem. Ele sonhava todo o verão com o que tinha, dessa forma, anotado durante o inverno, e esperava sempre com impaciência a época na qual ele poderia retornar a Paris e retomar seu lugar no concerto, quer dizer, recorrer à sua fonte. Considerando, portanto, as planícies douradas que se estendem diante de nós, esse homem, assombrado pela música, diz-me uma palavra suprema. Designando com a mão o esplendor que se estendia diante de nós, ele me diz: “*é o primeiro toque de címbalo do outono sobre a terra*”. À tarde, ele me acompanhava à estação. Nós ficamos muito tempo conversando sob um céu admirável... Eu não o revi mais. Três semanas depois, eu recebia o telegrama de sua filha que me anunciava sua morte. Ele tinha sido fulminado, literalmente sufocado por um mal sem remédio, nos braços do próprio médico que vinha lhe fazer visita. Isso foi para mim um golpe terrível.

## Referências

VALÉRY, P. Sobre Mallarmé. *Écrits divers sur Stéphane Mallarmé*. Paris: Gallimard, 1950. p. 65-71.

**Recebido em 29/06/2021.**

**Aprovado em 03/08/2021.**